

Na sua totalidade, a arquitectura portuguesa pode considerar-se como um contributo significativo no quadro da cultura nacional, pelos qualificados valores materiais e espirituais que soube produzir ao longo de vários séculos.

A arquitectura dita “portuguesa” afirmou-se em vários tempos históricos e em múltiplos espaços geográficos, e seguindo variados modos formais e tipológicos – mas uma clara capacidade/diversidade evolutiva, a sua espantosa dispersão material e a específica dimensão plural não a enfraqueceram - antes lhe deram um carácter próprio e reconhecível.

São complementares diversas abordagens ou modos de entendimento desta arquitectura, ajustando-se a uma melhor compreensão do fenómeno: ele deve ser analisado nas suas manifestações como urbanismo e como arquitectura/construção; como espaço criado em meios quer urbanos quer rurais; como linguagem erudita e como expressão popular ou vernácula; e ainda no quadro de programas tanto monumentais como correntes - neste último modo, sobretudo habitacionais.

Um tema em aberto - como para outras vertentes da cultura de matriz portuguesa - é o da existência ou não de constantes, ou invariantes, no “tempo longo” da nossa arquitectura; provisoriamente, podemos pressentir-lhe uma evidente atitude **pragmática** (que decorre da posição assumidamente periférica e culturalmente deficitária); uma capacidade **ecléctica** (que articula a bipolaridade permanente do encontro entre o mundo norte-atlântico e o universo meridional-mediterrâneo); um pendor **tradicionalista** (e logo integrador das novidades do exterior), mas com gosto pela experimentação possível; uma **simplicidade**, formal e programática (que nalguns casos se compensa pelo complementar recurso à profusão decorativa); e, finalmente, uma **anti-monumentalidade** estrutural (uma essencial delicadeza de expressão, uma “pequena escala” de realização).

Uma síntese da arquitectura portuguesa, dentro da objectividade possível, deve incluir, pelo que atrás fica afirmado, o recurso a leituras plurais e complementares entre si. Uma cronologia é condição de conhecimento prévio, global e sistematizador. Assim, haverá um tempo de pré-formação, que decorre entre a Pré-História e o advento do país medieval; segue-se-lhe um tempo de afirmação e de maturação, que se prolonga por todo o período clássico da Idade Moderna; finalmente, há um tempo de reinvenção no mundo contemporâneo, que a História ainda começa a conhecer.

Como síntese e escolha, a partir da enumeração cronológica, podemos apontar alguns valores indiscutíveis como contributo para a cultura arquitectónica euro-ocidental: a criação **Manuelina** e o **Estilo Chão**, variante regional da transição medievo-renascentista a primeira, entendimento simplificado da codificação clássica italiana o segundo – ambos expandidos de modo transatlântico e universalizado; as **idades ultramarinas**, sobretudo insulares, ribeirinhas e costeiras, sínteses delicadas e frágeis da cultura medievo-moderna, reproduzida como verdadeiras “idades de paisagem” pelos diversos mares e continentes; o momento do **Barroco Mineiro**, polarizado à volta do excepcional “Alejadinho”, num contexto muito particular, luso-brasileiro, mas com uma invenção original que o universaliza; o edifício, a um tempo urbano-arquitectónico, do **Pombalino**, sobretudo expresso na Reconstrução da Baixa de Lisboa, mas também presente no Algarve e no Brasil; finalmente, e embora sem a distância histórica que se exige, não podemos deixar de mencionar o fenómeno contemporâneo da **arquitectura do Porto** do último quartel do século XX, que tem em Siza Vieira um expoente único.

Como se disse, a **arquitectura popular** portuguesa é um dos temas a estudar em detalhe, dada a sua originalidade e especificidade, quer nas suas manifestações ibéricas (o nortenho granito, o xisto do Centro e Sul, a área estremenha do calcário, a arquitectura do barro, da taipa e do adobe meridionais), quer insulares (as casas das ilhas da Macaronésia no Atlântico Norte, com as coberturas palheiras madeirenses, os “Impérios” açóricos, as casas redondas de Cabo Verde, as de madeira em São Tomé), quer na longa enumeração transatlântica.

De facto, no quadro pluricontinental há pequenas mas excepcionais criações vernáculas, que constituem ainda testemunhos de uma capacidade de mistura e de síntese construtiva: na Índia (o solar goês, as igrejinhas indo-portuguesas de cal e cor), nas regiões brasileiras (os povoados e as casas-grandes com engenhos de açúcar, do Nordeste ao Recôncavo baiano, os núcleos do Sul mineiro, carioca e paulista), nos focos extremo-orientais (a casa macaense, a Insulíndia com Timor, a memória da aventura luso-nipónica), e na áreas africanas (desde a Guiné a Moçambique e a Angola, da casa popular aos povoados e às construções oitocentistas urbanas).

Esta caracterização breve da arquitectura portuguesa pode concluir-se por um lado com a análise da **evolução da casa de habitação familiar e colectiva** – desde a Idade Média ao tempo Clássico, passando depois ao prédio pombalino e romântico, à vila operária, à moradia, ao bairro social e aos blocos modernos de residência colectiva; por outro lado, com a sistematização da **cidade de matriz portuguesa**, entendida nas suas exemplificações nos diversos espaços ibéricos, continentais e insulares.

(adaptado, aprofundado e sintetizado de texto escrito para a Editorial Verbo em 2002)

## Bibliografia

Fernandes, José Manuel – Arquitectura Portuguesa. Uma Síntese: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2000

História da Arte em Portugal: Publicações Alfa, Lisboa, 1986-90

História da Arte Portuguesa: Círculo de Leitores, Lisboa, 1995

Chicó, Mário Tavares – A Arquitectura Gótica em Portugal: Livros Horizonte, Lisboa, 1954

Silva, José Custódio Vieira da – O Tardo-Gótico em Portugal. A Arquitectura do Alentejo: Livros Horizonte, Lisboa, 1989

Santos, Reynaldo dos – O Estilo Manuelino, Lisboa, 1952

Silva, Jorge Henrique Pais da – Estudos sobre o Maneirismo, ed. Estampa, 1983

Kubler, George – A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes, 1521-1706: Vega, Lisboa, 1988

Pereira, José Fernandes – Arquitectura Barroca em Portugal: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1986

França, José Augusto – Lisboa Pombalina e o Iluminismo: Livraria Bertrand, Lisboa, 1977 (2ª. edição)

França, José Augusto – A Arte em Portugal no Século XIX: Livraria Bertrand, Lisboa, 1967

Arquitectura do Século XX. Portugal. Catálogo de exposição: Deutsches Architektur-Museum/Prestel/Portugal-Frankfurt 97/Centro Cultural de Belém, Frankfurt, 1997

Lisboa, 18/11/2004

José Manuel Fernandes, Arquitecto